

Imunização: O Conhecimento e práticas dos profissionais de enfermagem na sala de vacina

RESUMO | Objetivo é identificar o conhecimento e práticas dos profissionais que atuam na sala de imunização na Estratégia de Saúde da Família. Metodologia Trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória, com três Enfermeiros e doze técnicos de quatro unidades de Estratégia de Saúde da Família, localizadas na zona oeste do RJ. Resultado, observou-se que as áreas físicas das salas de imunização atendem aos critérios do Manual de Rede de Frios e do Programa Nacional de Imunização, e que as atribuições diárias da sala de imunização são feitas somente pelos técnicos de enfermagem e os Enfermeiros são os Responsáveis Técnicos mas nenhum com disponibilidade integral para a função, desenvolvendo também atividades de supervisão e consultas de Enfermagem, pode-se observar dúvidas dos profissionais a respeito do tempo de funcionamento da câmara se ficar sem eletricidade, e na maioria os entrevistados das quatro unidades relataram que apesar de escalados na sala de imunização, podem assumir outros setores de acordo com a demanda. Conclusão podemos observar que os profissionais da sala de imunização possuem conhecimento sobre as atividades realizadas, contudo na prática algumas das atribuições dos profissionais não são realizadas de forma satisfatória e de acordo com que é exigido nos protocolos e manuais do Ministério da Saúde, e observamos o quanto é fundamental que todos os profissionais realizem treinamento em serviço, principalmente na sala de imunização onde mudanças ocorrem constantemente.

Palavras-chaves: Conhecimento; Prática; Enfermagem; Imunização.

ABSTRACT | Aimed at identifying the knowledge and practices of the professionals who work in the immunization ward in the Family Health Strategy. Methodology This is a qualitative and exploratory research, with three nurses and twelve technicians from four units of Family Health Strategy, located in the western zone of RJ. As a result, it was observed that the physical areas of the immunization rooms meet the criteria of the Cold Net Manual and the National Immunization Program, and that the daily assignments of the immunization room are made only by the nursing technicians and the Nurses are the Technical officers but none with full availability for the function, also developing supervision activities and nursing consultations, one can observe doubts of the professionals regarding the operating time of the chamber if it runs out of electricity, and in the majority the interviewees of the four units reported which although scaled in the immunization room, can take on other sectors according to demand. Conclusion we can observe that the professionals of the immunization room have knowledge about the activities performed, however in practice some of the professionals' attributions are not performed satisfactorily and according to what is required in the protocols and manuals of the Ministry of Health, it was observed how essential it is that all professionals carry out in-service training, especially in the immunization ward where changes occur constantly.

Keywords: Knowledge; Practice; Nursing; Immunization.

RESUMEN | Objetivo identificar el conocimiento y las prácticas de los profesionales que actúan en la sala de inmunización en la Estrategia de Salud de la Familia. Metodología Se trata de una investigación cualitativa y exploratoria, con tres enfermeros y doce técnicos de cuatro unidades de Estrategia de Salud de la Familia, ubicadas en la zona oeste del RJ. Se observó que las áreas físicas de las salas de inmunización atienden a los criterios del Manual de Red de Fríos y del Programa Nacional de Inmunización, y que las asignaciones diarias de la sala de inmunización son hechas solamente por los técnicos de enfermería y los enfermeros son los siguientes: Los responsables técnicos, pero ninguno con disponibilidad integral para la función, desarrollando también actividades de supervisión y consultas de enfermería, se pueden observar dudas de los profesionales acerca del tiempo de funcionamiento de la cámara si se queda sin electricidad, y en la mayoría los entrevistados de las cuatro unidades relataron que a pesar de escalados en la sala de inmunización, pueden asumir otros sectores de acuerdo con la demanda. Conclusión podemos observar que los profesionales de la sala de inmunización tienen conocimiento sobre las actividades realizadas, pero en la práctica algunas de las atribuciones de los profesionales no se realizan de forma satisfactoria y de acuerdo con que es exigido en los protocolos y manuales del Ministerio de Salud, se observó lo que es fundamental que todos los profesionales realicen entrenamiento en servicio, principalmente en la sala de inmunización donde los cambios ocurren constantemente.

Descriptor: Conocimiento; Práctica; Enfermería; Inmunización.

Maria Regina Bernardo da Silva

Mestre em Saúde da Família e Docente da Universidade Castelo Branco.

Rayane Barboza de Oliveira

Enfermeira da Universidade Castelo Branco.

Halene Cristina Dias de Armada e Silva

Doutoranda UERJ Diretora do CMS Belizario Penna.

Recebido em: 25/04/2019

Aprovado em: 26/04/2019

Claudia da Silva de Medeiros

Mestre em saúde da Família e Docente da Universidade Castelo Branco RJ.

Adriana Loureiro da Cunha

Doutoranda UERJ Docente da Universidade Castelo Branco RJ.

Claudia Maria Messias

Doutora em Enfermagem UFF e Docente da UFF/ RJ.

INTRODUÇÃO

Entende-se que a vacinação é muito importante para a proteção imunológica dos seres humanos, principalmente nos seus primeiros anos de vida. Essa importância traz também grandes responsabilidades dos profissionais de saúde, no armazenamento correto, preparação correta e administração correta dessa vacina, visando,

assim, diminuir ao máximo quaisquer efeitos adversos no indivíduo que receberá esse imunobiológico⁽¹⁾.

É importante destacar que essa prática representa uma das principais ações de intervenção em saúde pública no controle de doenças provocadas por agentes imunizáveis, de modo que as vacinas dão provas incontestes de sua eficácia, tendo em vista a erradicação de algumas doenças, dentre elas a varíola e a poliomielite⁽²⁾.

Balestiere⁽³⁾ conceitua a vacinação como o ato de vacinar, o Manual de Vigilância⁽¹⁾ conceitua a imunização como sendo o processo desde a produção até o momento da administração da vacina, incluindo também a ocorrência de um evento adverso pós vacinação (EAPV) como sendo parte do processo de imunização.

O Programa Nacional de Imunizações (PNI), criado em 1973, tem como missão organizar a Política Nacional de Vacinação, contribuindo para o controle, a eliminação e/ou erradicação de doenças imunopreveníveis. É coordenado pelo Ministério da Saúde de forma compartilhada com as Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde⁽⁴⁾.

A erradicação de algumas doenças tem mostrado o sucesso do PNI por meio de medidas para a redução e controle de infecções⁽¹⁾.

É essencial que as vacinas sejam utilizadas de acordo com suas indicações, contra indicações, dosagens, condições de armazenamento, procedimentos de reconstituição descritas em bula, entre outros. Os erros de imunização, consequentes de atitudes ou procedimentos não cumpridos, conforme estabelecidos nas normas, por si só ou em conjunto, podem causar redução ou falta de efeito esperado e evento adversos graves e até fatais. Erro de vacinação é qualquer evento evitável que pode causar ou levar a um inapropriado uso de imunobiológico, ou causar danos a um paciente, podem estar relacionados à prática profissional⁽⁵⁾.

De acordo com o Manual de Vigilância Epidemiológica⁽¹⁾, a vacinação é uma das ações de saúde pública mais exitosas,

tendo contribuído para redução da incidência das doenças imunopreveníveis no Brasil através da obtenção de altas coberturas vacinais. Um dos maiores desafios dos serviços de saúde que atuam em vacinação é assegurar as boas práticas de vacinação, seguras, adequadas, até a administração da vacina, garantindo o sucesso e a credibilidade dos programas de imunização.

Desse modo, é certo afirmar que a vacina tem um destaque devido a sua eficácia na prevenção de enfermidades, pois o Brasil tem se tornado referência na erradicação de doenças com a proximidade da extinção do sarampo e outras enfermidades que assolam a população⁽⁶⁾.

Sendo assim, a assistência de enfermagem deve ser prestada à pessoa, família e coletividade de forma segura e livre de danos. Em Unidade Básica de Saúde (UBS), o enfermeiro deve se responsabilizar tecnicamente e administrativamente pelos procedimentos realizados na sala de vacina. A supervisão sistematizada pode, ainda, ser considerada como um progresso de planejamento, execução e avaliação, onde as técnicas de supervisão devem permitir o desenvolvimento de melhorias na equipe e na assistência prestada⁽⁷⁾.

Ao promover a imunização, o profissional de enfermagem deve ter consciência de que este procedimento consiste em inocular um antígeno na corrente sanguínea visando a produção de anticorpos contra determinada doença infectocontagiosa e, a segurança e efetividade dos imunobiológicos não são suficientes se os profissionais envolvidos no processo não seguirem as recomendações específicas de conservação, manipulação administração, acompanhamento pós vacinação, orientações à população atendida, dentre outros, para que a administração ocorra de forma segura e não haja imperícia, negligência ou imprudência por parte do profissional envolvido com o cliente⁽⁵⁾.

Nesse contexto, destaca-se o profissional enfermeiro como responsável técnico e administrativo pela vacinação,

sendo um recurso humano valioso para melhoria da qualidade do serviço dentro das salas de vacina, e é importante a sua presença dentro das Unidades de Estratégia de Saúde da Família (ESF), pois, além da atuação, exerce supervisão da equipe; os enfermeiros têm um papel fundamental para ajudar a manter a alta cobertura vacinal, comunicando-se com os pais e pacientes sobre os benefícios da vacina, fornecendo informações precisas e de qualidade⁽⁸⁾.

Para a supervisão dos procedimentos de vacinação, é exigida do enfermeiro a Responsabilidade Técnica pelo serviço, estabelecida pela Resolução do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) n.º 302, de 16 de março de 2005. O enfermeiro deve orientar e prestar assistência aos usuários dos serviços de saúde em condições seguras, fazendo o acompanhamento das doses administradas e averiguando os efeitos adversos ocorridos, além de capacitar sua equipe, avaliar e buscar a atualização do conhecimento técnico-científico⁽⁹⁾.

Portanto, o presente tema gerou inquietação como tem ocorrido o funcionamento da rede de frios e a imunização em UBS. E a partir de relatos observados pela pesquisadora em participação de campanhas de vacinação do projeto de extensão, despertou interesse para esta pesquisa sobre a importância, o funcionamento da sala de imunização, rede de frios e a grande atuação dos profissionais de enfermagem na sala de imunização, tendo como pergunta de pesquisa: Qual o conhecimento dos profissionais de enfermagem sobre a utilização, manipulação e guarda dos imunobiológicos em unidades da Estratégia de saúde da família na zona oeste, RJ? E quanto ao objetivo, identificar o conhecimento e práticas da equipe de enfermagem na sala de imunização de quatro unidades de Estratégia da Saúde da Família na Zona Oeste RJ.

METODOLOGIA

A coleta de dados ocorreu em março

e abril de 2018 junto a onze técnicos em enfermagem e três enfermeiros que trabalhavam na sala de imunização há, pelo menos, doze meses, em quatro unidades básicas de Atenção à Saúde da Família localizadas na Zona Oeste do RJ, na Coordenadoria Geral de Atenção Primária da Área Programática 5.1.

Os critérios de exclusão foram os profissionais que não responderam ao questionário por inteiro. Foram feitas pesquisas em duas unidades da ESF no bairro de Realengo, uma no bairro de Padre Miguel e outra no bairro de Magalhães Bastos, caracterizadas como unidades A, B, C e D.

Foram utilizadas as técnicas de observação direta participante e de entrevista estruturada de campo com abordagem qualitativa⁽¹⁰⁾, contendo três etapas de avaliação, dentre elas: conhecimento pessoal como idade, e tempo de profissão, questões objetivas e questões descritivas. Foram observados o conhecimento e práticas dos profissionais de enfermagem que atuam na sala de vacina em unidades da ESF na Zona Oeste.

A pesquisa foi desenvolvida consoante com as recomendações da Resolução n.º 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), com o SMSRJ parecer n.º 2.510.894. Os participantes foram informados sobre a finalidade do estudo e, aceitando livremente a participar, assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Neste estudo, os dados foram analisados conforme a técnica de análise de conteúdo de Bardin⁽¹¹⁾.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como é feito o checklist, o aprazamento e administração dos imunobiológicos pelos profissionais de Enfermagem da sala de vacina

Pode-se identificar que dez (65,5%) dos profissionais entrevistados informaram que realizam o checklist antes de iniciar a imunização, três (20%) informaram que verificam antes e depois da imunização o checklist. Observou-se nas falas abaixo dez entrevistados fazem somente

o checklist no início da imunização:

“O checklist é realizado somente antes da imunização” (A1).

Observou-se que somente dois (13,5%) informaram corretamente que o checklist é feito antes, durante e após a imunização.

Entre as atribuições do checklist, destacam-se: verificar a temperatura do termômetro de máxima/mínima das geladeiras e anotar no mapa de controle diário, no início e final do turno; retirar do refrigerador de estoque a quantidade necessária de vacinas e seus respectivos diluentes para o consumo diário; anotar a data, hora e assinatura no rótulo após a abertura dos frascos liofilizados; passar todas as doses de vacinas aplicadas no mapa diário, as fichas de registro no computador e arquivar conforme normas padronizadas; requisitar as vacinas e materiais, seguindo as datas previstas de solicitações; acolher o cliente e realizar busca de faltosos⁽¹³⁻¹⁵⁾.

Observou-se que sete (46,7%) entrevistados informaram que o profissional que apraza é o mesmo que administra a vacina, ou seja, que independentemente do número de profissionais na sala no momento da vacinação, o profissional que recebe o cliente, avalia a caderneta de vacinação, realiza as anotações pertinentes, como a vacina que será administrada no momento e a próxima, realiza o preparo da vacina, aspira e aplica e informa ao cliente.

“Sim, o mesmo apraza e administra” (B5).

O adequado na sala de imunização são dois profissionais e o mesmo que apraza é o que administra, com isso, garante que a vacina certa e as doses certas sejam administradas no paciente certo no local certo e no período estabelecido, diminuindo ao máximo o erro no momento da administração⁽⁶⁾.

Foi avaliado também que cinco

(33,3%) dos entrevistados informaram que ficam dois profissionais na sala, porém não especificaram como ocorre o aprazamento e administração com os dois profissionais estando na sala de imunização.

Observou-se que três (20%) disseram que depende da quantidade de profissionais disponíveis na sala de imunização no dia, o que quer dizer que não deixou esclarecido que se havendo mais de um profissional na sala, se o mesmo que apraza é o que administra, ou se houver dois profissionais se um apraza e outro administra, havendo assim uma possível falta de informação disposta na caderneta de vacina que, provavelmente, não chegará ao conhecimento do profissional que realizará a administração da vacina.

A atuação do profissional de enfermagem na sala de imunização

Treze (86,7%) dos entrevistados informaram que os profissionais enfermeiros e técnicos, mesmo escalados, atuam na sala de imunização e em outros setores das unidades de saúde, quando necessário, de acordo com a demanda no quadro de funcionários da unidade. E, somente dois (13,3%) disseram que o profissional escalado só atua na sala de imunização.

“Sim, atuam quando precisar em outro setor” (C11).

De acordo com os profissionais entrevistados das quatro unidades, eles não são fixos na sala de imunização, se houver a necessidade de profissionais em outros setores, eles serão remanejados, porém, uma vez iniciadas as atividades na sala de imunização, o profissional não muda de setor até o fim do expediente do dia.

Outro ponto que merece destaque, diz respeito à ausência de supervisão ao trabalho da equipe de enfermagem das salas de vacina por parte dos enfermeiros. Em nenhuma das unidades onde se realizou as entrevistas foi encontrado um responsável técnico na sala de imuniza-

ção. Os processos de educação permanente são fundamentais, mas é inegável a importância da supervisão para a garantia da qualidade dos serviços prestados⁽¹⁶⁾.

CONCLUSÃO

Destacou-se na pesquisa que os profissionais possuem conhecimento sob as atividades realizadas, porém, na prática, poucos realizam as técnicas seguras conforme o manual de imunização. Foi identificado que em sua maioria os profissionais realizam o checklist somente antes do procedimento, podendo acarretar atos inseguros. Quanto às atividades na sala de imunização, foi identificado que, apesar de ficarem dois profissionais, nem sempre é feito o atendimento de acolhimento, aprazamento, aplicação da vacina e orientação ao usuário pelo mesmo profissional, podendo levar ao erro vacinal. Houve também um questionamento do conhecimento do tempo da câmara quando ocorre o rompimento da energia, poucos souberam informar corretamente, apesar de trabalharem anos na sala de imunização, em sua maioria, desconheciam que as câmaras apresentam no seu interior bateria e gerador, este fato se torna importante pois, caso ocorra a falta de energia, o profissional saber

quanto tempo podem ficar os imunobiológicos em condições ideais para sua utilização sem o comprometimento da eficácia desse imunobiológico.

Quanto à rotina de profissionais na sala de vacina, os profissionais foram unânimes ao informar que são escalados para atuarem na sala de imunização, mas se houver necessidade, poderão atuar em outro setor da unidade. Essa é uma situação que compromete o funcionamento adequado das atividades desse profissional, a sala de imunização é extremamente dinâmica, os protocolos se alteram constantemente, daí a importância de ter sempre dois profissionais treinados e com uma vivência diária na sala de imunização para realizarem as atividades e evitar um evento adverso.

Através dos resultados obtidos, podemos observar a importância de ser realizada educação permanente em serviço com todos os profissionais para que todos possam ter acesso às diversas mudanças e atualizações na imunização que têm ocorrido com frequência, sendo necessário que todos profissionais de enfermagem e demais profissionais da atenção primária tenham acesso a essas informações. Cabe ao enfermeiro, como responsável técnico da sala de imunização, ofertar o suporte necessário a todos os profissionais, e os mesmos precisam estar

cientes de todas as mudanças e adequações realizadas para que seja prestada uma assistência de qualidade ao usuário.

Em relação aos profissionais de enfermagem que atuam diretamente na sala de imunização, constatamos em todas as unidades que somente os técnicos realizam as atividades na sala de imunização, apesar do enfermeiro ser o responsável técnico da sala de imunização, observou-se que os enfermeiros não apresentam disponibilidade integral para a função, desenvolvendo também atividades de supervisão e consultas de enfermagem, diminuindo, com isso, a possibilidade de uma ação mais assídua na sala de imunização.

Como proposta, gostaríamos de destacar a importância da educação permanente aos profissionais, não só os enfermeiros responsáveis técnicos, mas todos os profissionais que atuam diretamente na sala de imunização. É muito importante que todas as informações cheguem de forma correta e igualitária a todos da Atenção Primária. Quanto aos profissionais da sala de imunização, seria interessante que os profissionais que ali atuam fossem remanejados o mínimo possível, isso poderá reduzir alguns eventos indesejados durante as atividades, podendo desempenhar atividades com presteza, competência e maior segurança. 🐦

Referências

1. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis (BR). Manual de Vigilância de eventos adversos pós-vacinação. 3 ed. Brasília, 2014.
2. Ministério da Saúde (BR). Manual de Rede Frio: manual de rede frio do Programa Nacional de Imunizações. 4. ed. Brasília: Catalogação na Fonte – Coordenação-geral de Documentação e Informação – Editora MS; 2013
3. Balestiere FMP. Imunologia. São Paulo: Manole; 2006. 840 p.
4. Ministério da Saúde, Secretaria de vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis (BR). Manual de Vigilância de eventos adversos pós-vacinação. 3 ed. Brasília; 2018.
5. Ministério da Saúde (BR). Programa Nacional de Imunizações. Brasília; 2015
6. Ministério da Saúde (BR). Manual de eventos adversos pós vacinação 3. ed. Brasília; 2014.
7. Oliveira VC, Gallardo PS, Gomes TS, Passos LMR, Pinto IC. Supervisão de enfermagem em sala de vacina: a percepção do enfermeiro. Rev Enferm. 2013 dec; 22(4).
8. Miller LGLM, Vieira LJES, Souza PF, Lira SVG, Moreira DP, Pereira AS. Aspectos relacionados à administração e conservação de vacinas em centros de saúde no Nordeste do Brasil. Ciênc. Saúde Coletiva. 2015.
9. Conselho Federal de Enfermagem. Resolução COFEN n.º 302/2005. São Paulo: Cofen, 2005.
10. Gil AC. Pesquisa Social. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. São Paulo: Atlas; 2010.
11. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2011.
12. Ministério da Saúde (BR). Manual de rede de frio. Brasília: Ministério da Saúde, 2017
13. Almeida MG, Araújo TME, Nunes BMVT, Moura MEB, Martins MC. Conhecimento e prática de profissionais sobre conservação de vacinas. Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online. 2014; 6(5):10-21.
14. Ministério da Saúde (BR). Atenção Básica à Saúde. Anexo 3.8 Checklist de atividades – sala de vacina. Rio de Janeiro, 2017.
15. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde (BR). Manual de procedimento para vacinação. 4. ed. Brasília, 2014
16. Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo. Parecer Coren-SP n.º 005/2015 – CT. São Paulo: Coren, 2015.